

COMO RESPIRAR EM DIAS DE CHUVA

Texto de Wanderley Montanholi

- 1. Música abertura >> Oh! Chuva (Falamansa) - TODOS**
 2. Solo: Dispneia >> Glaucia e Juju
 3. Cena: Alados >> André (Drag 2) e Wanderley (Drag 1)
 4. Solo: Mensageiro >> Flávio
 5. Cena: CID. 033 >> Glaucia e Juju
 - 6. Música >> Primeiros Erros (Capital Inicial) - Glaucia, Juju e Wanderley**
 7. Cena >> Ensaio sobre o escuro: Flávio (Homem) e Wanderley (Cego)
 8. Solo >> Lá Fora: André
 9. Cena >> Interno: Glaucia, Juju e André
 - 10. Música >> Quando a Chuva Passar (Ivete Sangalo) (Glaucia, Juju e Wanderley)**
 11. Cena >> Antes da Tempestade: André (P2) e Wanderley (P1)
 12. Solo >> Reconhecimento: Glaucia
 13. Cena >> Mosquito: TODOS (Wanderley e Glaucia – Abusados |Flávio, Juju e André – Abusadores)
 - 14. Música >> Todas as Manhãs (Roberto Carlos) (Wanderley + Juju?)**
 15. Solo >> Chuva: Wanderley, Flávio e Juju
 - 16. Música final >> Medo da Chuva (Raul Seixas) - Wanderley + TODOS**
-

COMO RESPIRAR EM DIAS DE CHUVA

1. Música abertura >> Oh! Chuva (Falamansa) - TODOS

Você que tem medo de chuva
Você não é nem de papel
Muito menos feito de açúcar
Ou algo parecido com mel
Experimente tomar banho de chuva
E conhecer a energia do céu
A energia dessa água sagrada
Nos abençoa da cabeça aos pés
Oi chuva
Eu peço que caia devagar, ioi
Só molhe esse povo de alegria
Para nunca mais chorar, ioi ioi ioi
Para nunca mais cho...

Wanderley dará um exercício para a plateia, de concentração, antes do início do Dispneia. Enquanto isso ocorre, os atores continuam cantando mais baixinho pra se concentrar a música de abertura. Quando Wanderley sentar no banco, meninas comecem.

2. Solo: Dispneia >> Glaucia e Juju

Juju: E, de repente, o ar não era mais suficiente. Eu ainda respirava, dentro do quarto vazio, mas nada mais encaixava. As horas do relógio pareciam saltar para um fim de tarde em que permaneciam presas, junto com as palavras que se repetiam na minha cabeça.

A música ajudava a preencher o eco dos passos que nunca estiveram ali, mas que eu criava na minha mente com perfeição. Os passos, o rosto, o sorriso, o jeito de falar. E nessa solidão faltava o ar, o peito.

Eu rabiscava cada vez mais forte, e a cor não saía de mim. A ponta do lápis era a vida que eu escondia dentro da sala vazia que ecoava os ares do seu perfume.

Eu estava morto, sem ar, coberto por você. Coberto pelo cheiro que asfixiava o coração. **Eu estava coberto pelo seu nome, escrito e tatuado em toda tinta invisível que caberia nos músculos da minha coxa, da minha perna, de cada dedo que eu ainda poderia usar.** *(Nesta parte as duas começam a falar juntas e aos poucos a primeira para de falar e dá início para a segunda atriz.)*

Glaucia: Eu rabiscava meus olhos, que estavam cinzas desde que te rasguei em pedaços e reconstruí teu corpo. Eu destruí meu corpo em vontades de criar teu corpo. Eu destruí meu beijo, para beijar o seu.

Na sala vazia, ecoa o seu cheiro. Na sala vazia ecoam os retratos rabiscados que faço de você. Tudo ecoa nessa sala e é culpa desses teus olhos furiosos que me lembram a tua ausência.

Eu ecôo, mas o teu cheiro me prende nessa imensidão vazia de olhares profundos de folhas de papel manchadas de grafite.

Eu te aspiro, por mais vinte anos, em que me falta o ar pra completar teus olhos. Eu te aspiro, nessa asfixia constante de sentir o que nunca estive ali. E nessa redoma de ecos e suspiros, eu durmo mais uma vez diante de teu olhar, daquele olhar que me lembra que você nunca existiu.

3. Cena: Alados >> André (Drag 2) e Wanderley (Drag 1)

Drag 1 - Eu não sei.

Drag 2 - Eu também não sei, mas acho que talvez tenha chegado nossa hora de dar esse passo.

Drag 1 - Você não precisa fazer isso, se não quiser.

Drag 2 - Mas eu quero!

Ele respira.

Drag 1 - Eu não sei.

Drag 2 - Você nunca sabe. Eu estou tão acostumado com isso.

Drag 1 - Eu queria que fosse diferente, sabe?

Drag 2 - A gente tá junto nessa. Nem eu, nem você sairemos sozinhos. E não precisaremos nos separar mais.

Drag 1 - Eu também sinto essa libertação, ainda que sintam também que podemos nos prender eternamente e estarmos errados.

Ele permanece.

Drag 2 - Eu amo você.

Drag 1 - Eu não tenho dúvidas. E também não duvido que amo você.

Drag 2 - O que é então?

Drag 1 - Nada. A gente já percorreu todo esse caminho.

Drag 2 - E a partir de agora é isso ou fim da estrada.

Drag 1 - Vamos olhar a vista mais um pouco. Talvez a gente se decida melhor.

Drag 2 - Eu sempre gostei desse lugar. A gente consegue ver a cidade inteira daqui e ninguém percebe a gente.

Drag 1 - Algum lugar ao menos em que não somos percebidos.

Drag 2 - Não se importe mais com isso.

Drag 1 - Eu não me importo. Eles se importam.

Drag 2 - Que eles se fodam. A gente é que importa e não temos mais porque nos incomodar com as pedras que atiraram na gente.

Drag 1 - Você lembra de quando a gente se conheceu?

Drag 2 - Ah, faz tempo isso já.

Drag 1 - Ai, que horror.

Drag 2 - Horror o quê? Você sabe que já não temos mais 30 anos.

Drag 1 - Eu tava falando da parte romântica da história.

Drag 2 - São Paulo, 30 de Setembro de 1978.

Drag 1 - Foi Outubro.

Drag 2 - Foi Setembro. Já tá perdendo a memória?

Drag 1 - Foi na Roosevelt, não foi? Eu tava bêbado pra caralho, caído na escada e você teve coragem de falar comigo todo estragado.

Drag 2 - Você estava lindo.

Eles observam um pouco.

Drag 1 - Você já pensou se a gente tivesse asas?

Drag 2 - E quem disse que a gente não tem?

Drag 1 - Não. Eu tô falando sério. Você já pensou se a gente tivesse um par de asas enormes, brancas ou purpurinadas e que a gente pudesse sair desse bloco de concreto cinza, pra ficar tranquilo em algum lugar.

Drag 2 - É bem capaz de alguém apontar o dedo lá debaixo e dizer: É um pássaro, é um avião?

Drag 1 - Não! São duas bichas da Justiça.

Drag 2 - E aí alguém tacava uma pedra, né?

Drag 1 - Mas a gente ia estar tão alto que não iam acertar. - Levanta. Vamos jogar as perucas. Eu conto. Um, dois, três... JÁ!

Eles suspiram. As perucas caem do topo do prédio em um movimento único em direção ao chão.

Drag 1 - Quer saber. Você tinha razão. Eu decidi.

Drag 2 - Eu também.

Drag 1 - Quero ficar com você pra sempre.

Drag 2 - Eu sabia!

Drag 1 - Sabia?

Drag 2 - Sim! Porque eu também queria ficar com você pra sempre.

Drag 1 - Me dá a mão?

Drag 2 - Te dou meu corpo todo!

Drag 1 - Quem sabe a gente realmente tenha asas.

Drag 2 - A gente tem! Tem sim.

Drag 1 - Os outros é que não vêem.

Drag 2 - Eu conto e você me abraça.

Drag 1 - Um, dois, três... JÁ!

O salto foi como um escorregão do parapeito. Eles caíam em um movimento único em direção ao chão, como se fossem fios soltos das perucas. O ar contrário à queda levava embora as agonias das pedradas, dos cuspes, dos abusos. O ar contrário à queda alimentava o amor e a certeza de uma paz que nunca houve. O ar era libertador, ainda que as manchetes do jornal no outro dia fossem aterrorizantes. Eles estavam abraçados e entrelaçados como deveria ser. E foi.

(Eles pulam. Blackout, som de sirene e carro batendo, pessoas falando, foco vai acendendo para o Carlos entrar e iniciar o mensageiro. Wanderley, ao fundo, no outro foco, dará continuidade ao texto).

4. Solo: Mensageiro >> Flávio

Ele escreveu no mensageiro eletrônico, enquanto chorava pela última vez:

“Eu cansei de pedir a você que me ajude.

Eu não sei mais o que fazer e a cada dia penso mais em voltar ao fim. Caminho até aonde der. Queria que você fosse humano e percebesse as minhas limitações e tirasse um pouco do peso que o tempo me colocou.

Eu não posso pedir mais que isso, me sinto humilhado com essa fragilidade. É como se, quando estivesse frágil, eu vestisse o manto de invisibilidade e ninguém me sentisse ali.

De qualquer forma, e que fique claro, em nenhum momento estou te responsabilizando pela minha dor. A sua incompreensão do que digo me fere, e eu sinto o desamparo de não me fazer entender. Isso me desespera.

Eu criei a expectativa de que, algum dia, você pegaria de mim algumas pedras e construiríamos um novo porto, que aliviaria o que eu sentia. Expectativas frustram e, nesse momento em que me vejo de cara com a frustração, me sinto sufocado. E perco a vontade de existir.

Eu não sei diretamente como você poderia me ajudar, ou porque estou mandando esta mensagem, mas com certeza a sua indiferença não é a melhor palavra.

E eu venho experimentando altas doses da minha própria ilusão.

Você me vê como um herói e me deixa abandonado quando estou no fundo do poço, achado que com superpoderes eu sairei daqui. Eu estive silente todo o tempo em que você me viu, tentando calar a boca da minha cabeça. Não me culpe, apenas entenda que eu sou feito de vidro e papel, assim como você.”

5. Cena - CID 0.33 - Gláucia e Juju

Ela - Eu não me sinto bem! É como se... Estou com frio. Desculpe

Outra - Por que?

E - Fazer você se molhar

O - Um banho de chuva é sempre bom, lava a alma. Eu já estive molhado por dentro também.

E - É como se...

O - Como se você estivesse preso dentro de você mesmo, tentando sair. (*Ela se assusta*) Eu me sentia exatamente como você, seus olhos me diziam a mesma coisa.

Eu ainda estou preso dentro de mim, mas agora eu me compartilho, me dou banhos de sol, me deixo receber visitas.

E - É melhor você ir embora.

O - Por que?

E - Por que você deveria ficar? É toda essa chuva dentro de mim, me matando afogada. Vai, você já sabe onde fica a porta. (*Outra não sai*) Você já não está feliz? Já não viu como eu fiquei? (*Outra não sai*) Eu não quero que me veja assim (*Outra não sai*) EU NÃO PRECISO DE VOCÊ!! (*Outra não sai*)

O - Até quando?

(*Silêncio*)

O - Até quando?

E - Até quando o que?

O - Até quando você vai fingir que não gosta de mim? Até quando você vai fingir essa repulsa em ser você mesma, em se permitir ser quem você deveria ser, parar de engolir as águas da chuva que você criou em si mesma? Eu não vou a lugar algum!

E - Obrigada

O - Por que?

E - Eu te conheço... você nunca desistiu de mim.

O - Nem poderia

E - Como não?

O - Existem coisas que a gente não explica. A minha prisão era uma delas. Desistir de você é outra. Faz parte do caminho de ser quem somos.

E - Você poderia ir embora.

O - Já disse que não poderia. A sua tempestade me ensinou coisas que eu nunca, nem que eu tivesse mais três caminhos pra percorrer poderia te retribuir. E a maior delas, a que eu nunca vou esquecer é a que me deixa sempre aqui, por perto.

E - O que? A água em que eu sempre tento me afogar?

O - Não. É que no úmido da sua chuva, você me ensinou a compartilhar minha solidão.

(Ela beija a Outra. Pausa. Delicadamente se soltam.)

06. Música >> Primeiros Erros (Capital Inicial) - Gláucia e Wanderley

Meu caminho é cada manhã
Não procure saber onde vou
Meu destino não é de ninguém
E eu não deixo os meus passos no chão
Se você não entende não vê
Se não me vê não entende
Não procure saber onde estou
Se o meu jeito te surpreende
Se o meu corpo virasse sol
Minha mente virasse sol
Mas só chove, chove
Chove, chove
Se um dia eu pudesse ver
Meu passado inteiro
E fizesse parar de chover
Nos primeiros erros
Meu corpo viraria sol
Minha mente viraria sol
Mas só chove, chove
Chove, chove
Meu corpo viraria sol
Minha mente viraria ar
Mas só chove, chove
Chove, chove

07. Cena >> Ensaio sobre o escuro: Flávio (Homem) e Wanderley (Cego)

Homem - Que há?

Cego - Sobre o que?

H - Teus olhos estão escuros.

C - Você já parou pra perceber? São 435 dias numa neblina leve, úmida e com consistência de gelatina com limão.

H - O que?

C - Exatamente isso. Sem tirar, nem por.

H - E o que isso tem a ver com a escuridão dos teus olhos?

C - É a escuridão do mundo. Do meu... Do seu...

H - Você quer que eu feche a janela?

C - Não, por favor. A janela é algo que eu quero manter aberto.

H - Você sente a corrente de ar?

C - É como se fosse o respiro do mundo.

Ele repara que o Outro não deixa de olhar fixamente pra um ponto qualquer. Não é como se fosse diferente, mas também não era igual. Um pássaro perdido no caminho de casa, com um problema qualquer na asa.

H - Você não comeu nada hoje.

C - É verdade.

H - E não quer comer?

C - Não. Quem sabe mais tarde. Talvez eu durma um pouco agora a tarde.

H - Dormir? Não seria melhor você...

C - Não sei.

H - Acho dormir uma perda de tempo grande.

C - É porque você não entende o que existe por trás da escuridão.

H - O que tem nos teus olhos?

C - Devem ser os suspiros. Ou os silêncios. Ou as palavras. Não sei. É que quando eu durmo, eu me perco totalmente em meus sonhos... Quando eu falo boa noite, é quase um “adeus, estou indo para guerra”.

H - Então pra que dormir?

C - É o treino do cotidiano. É quase um reflexo do combatente que eu tenho que ser. Um capacete, uma força interna absurda e uma rosa vermelha.

H - É admirável você ainda andar com rosas.

Ele se serve com um copo de água grande, respingando algumas gotas na mesa de cabeceira enquanto preenchia o copo.

H - Água?

C - Não tô com sede.

H - Mas precisa.

C - Você percebe como as pessoas esqueceram sobre a vida?

H - Percebo o quanto até eu mesmo esqueci sobre a vida.

C - As pessoas estão entorpecidas, vivendo necessariamente do desespero em preencher o vazio que elas criam. Todo mundo é feliz nas redes sociais, mas no mundo real a gente está vivendo a Era da Solidao. Elas fecham todas as portas e janelas e reclamam da própria claustrofobia. A claustrofobia que elas criam ao seu redor.

H - Acredito que elas nem percebam mais.

C - Elas passaram fita adesiva em seus rostos e reclamam do sufoco. Elas colocaram uma sacola de supermercado na garganta e reclamam que ninguém mais pode ouvir o que elas falam.

H - É verdade. Eu acredito em você.

C - Veja, não é que eu desisti de tudo, eu juro que não, mas estão desistindo por mim. Estão desistindo em mim.

H - Você está queimando. O que há com seus olhos? Eu preciso entender por que estão tão escuros.

C - É a luz... A luz da minha lua que apagou.

H - Você tomou seus remédios hoje? Quer que eu os pegue pra você?

C - Não mude de assunto. É covarde da sua parte. Por que o apagar das minhas luzes estão te incomodando tanto? Você sempre pensou tanto em tudo o que você sentia, ou queria. Sempre pensou nas aparências, em manter aquela imagem de pai de família, casado e com filhos. Qual a mudança? Qual o seu medo?

H - Eu sou um babaca.

C - Eu também sou.

H - Pelo contrário.

(Pausa)

H - Você é a única pessoa que me faz não ser um babaca. A Lua dos teus olhos sempre foi maior que qualquer Sol, sempre foi maior que você.

C - Até que seu Sol fez minha Lua entrar em um eclipse.

H - E teus olhos escureceram.

C - Minguou.

H - Toma. Eu escrevi isso pra você há dias.

C - Pra mim?

H - Sim.

C - O que diz? Você sabe que eu não posso mais ler.

H - Diz que a floresta está quieta demais sem os sons que você fazia. A floresta está escura demais sem a luz da lanterna que você carregava. Eu não sei mais caminhar nessa floresta porque você foi embora e que, eu teria evitado tudo isso, se eu tivesse segurado a sua mão ao invés de segurar a minha própria mão.

C - Você devia tomar uma cerveja.

H - Eu não bebo há 435 dias.

C - Quando tudo escureceu e virou neblina.

Ele segurou na mão do Outro. O Outro, relutante, permitiu.

C - Você também esqueceu como viver.

H - Eu sei e eu assumo.

C - Você preferiu afogar os gritos da sua cabeça ao invés de escutá-los. E numa dessas suas tentativas de ficar em paz, você calou até o que não pertencia a você. 435 noites sem sol, sem Lua e sem estrelas, na beira de uma estrada vazias e com cacos de um carro batido.

H - Eu tive medo.

C - E agora você tem o quê? Culpa?

H - Não.

C - O que você quer de mim? Fala, você não respondeu o que quer comigo.

H - Eu quero que você entenda que eu mudei, mesmo que tarde demais, eu mudei. Eu cortei parte das suas asas, eu não vi metade de você e eu me arrependo, porque era por sua causa que eu queria voar. E voava. Hoje eu sou, também, uma ave presa ao chão. Eu cortei minhas próprias asas por não consertar as suas. Eu não nos enraizei na terra da minha vida, porque eu era infértil. Eu te amei como num Carnaval, mas você era 365 dias de um ano e, a parte tudo o que nós perdemos, eu estou preso em 435 dias de neblina como você.

O Outro não respondeu. Respirou profundamente.

H - Eu sei que eu falei demais todo esse tempo, mas essas palavras vão ser necessárias. E pra você, não pra mim. Eu preciso entender a escuridão dos teus olhos, porque eu quero ser a luz que abre os teus céus.

C - O que você quer de mim?

H - Eu quero que você voe novamente. Comigo!

A corrente de ar passou forte pelo quarto, trazendo um cheiro familiar que não era previsível para aquele momento. O Outro tocou a face Dele num gesto indecifrável. Ele salgou uma lágrima no olho.

H - Eu quero dar forma ao espaço vazio que eu criei em você

8. Solo - Lá Fora – André

Eu deixo a porta aberta.

Entra o vento, entra o frio, entram as pessoas. Entra a luz, que antes só passava pela fresta, entram as moscas e a poeira.

Eu deixo a porta aberta.

Entram os cheiros, os lugares, os momentos que achamos e perdemos. Passa pela porta aquele sorriso desprezioso que saiu quando as luzes se apagaram pela primeira vez.

Eu tento recostar a porta, mas o vento não deixa.

E pela manhã eu resgato as camisetas jogadas no chão, o verde do mato que se perdeu entre os sonhos e a metade do tempo que eu gastei pensando sobre como somos engraçados.

Eu tento recostar a porta, mas a água não deixa.

E quando é noite eu conto as estrelas que perdi junto com o fôlego, com o beijo.

Eu deixo os olhos abertos pra enxergar o escuro que entrou pela janela, também aberta.

Eu tento deixar a porta fechada, mas pra quê?

Tudo o que acontece já entrou, não há mais nada acontecendo lá fora.

Lá fora, nem eu.

9. Cena - Interno - Cena Trisal - Glaucia, Juju e André

(Outra vestia os sapatos, com uma pressa que não fazia sentido. Nada fazia tanto sentido no emaranhado dos pensamentos, mas ele fingia estar mais consciente do que inóspito ao lugar)

Ela - Você não precisa ir embora.

Outra - Preciso.

E - Por que?

O - Eu não caibo mais aqui.

E - Você não colocou as calças ainda. Vai colocar por cima do tênis?

O - Vou.

E - É tão difícil admitir que está errada?

O - É tão difícil admitir que está errado?

E - Mas eu não estou. Você é quem está vestindo coisas erradas.

O - E pessoas erradas.

E - Você não é um erro, se é o que está dizendo. Muito menos Ele. Pode pegar meu copo de vodka na estante?

E - Levanta e pega.

(Ela levanta, e caminha até a estante. Pega o copo, tomou um gole. Era como se inspirasse libertação)

E - Eu te amo.

O - Você ama Ele.

E - E você.

O - Você não ama ninguém.

E - Pelo contrário. Eu amo demais.

O - Isso que você faz, é sujo. Eu estou suja.

E - Sujo de amor. Do meu, do seu. Até do Dele.

O - Há um espaço entre nós. E ele está definhando. É como se eu me afundasse nessa sua massa densa e fosse envolto por esse ar tóxico, que emana das paredes dessa casa, dos tacos do chão, da sua boca.

E - Ele me disse isso uma vez. *(Começa a chegar perto dela)*. Eu o amo. Amo como preciso respirar, como preciso de cigarros pra me libertar, como preciso das minhas doses diárias de vodka pra amenizar os gritos de dentro. *(Tenta abraçar a Outra, mas ela repulsa)*. Não. Não faz assim.

O - Não toque em mim.

E - O amor que tenho por Ele não é anulador. Eu não deixo de te amar porque o amo. Eu amo você como preciso respirar, como preciso de cigarros pra me libertar e também como preciso das minhas doses diárias de vodka pra amenizar os gritos de dentro.

O - Deixa gritar.

E - É o que eu faço. Porque agora eu estou vivendo as minhas verdades, sem as mentiras do mundo. Eu sempre preferi ficar cego pela luz do que perdido no escuro. E tanto você quanto ela sabem disso. Mas, acima de tudo, eu prefiro meu próprio amor.

O - Eu vou embora.

E - Fica.

O - Você só pensa em você

E - Não, pelo contrário. eu penso primeiro em vocês.

O - Não tem espaço na sua vida pra mim.

E - Você já conquistou um espaço aqui.

O - Um espaço apertado e sujo. E que não é só meu *(Termina de se vestir pra sair)*

E - Volte. Eu ainda estarei aqui.

O - Nem perde seu tempo! Me esqueça!

E - Você não vai admitir mesmo que está errada?

O - Eu to errada. *(Sai)*

Carlos - "Ouvindo-te dizer: eu te amo

Creio eu, no momento, que sou amado
Mas no momento anterior e no seguinte
Como sabê-lo?”
E - Drummond?
Carlos - Sim...
E - Ela é mesmo inspiradora né?
Carlos - Assim como você.
E - (*Campainha toca*) *Quem é?*
O - Sou eu. Pela décima sexta última vez.

6. Música >> Quando a Chuva Passar (Ivete Sangalo) (Glaucia, Juju (Vocalize) e Wanderley)

Pra que falar
Se você não quer me ouvir?
Fugir agora não resolve nada.
Mas não vou chorar
Se você quiser partir.
Às vezes a distância ajuda
E essa tempestade
Um dia vai acabar...
Só quero te lembrar
De quando a gente
Andava nas estrelas,
Nas horas lindas
Que passamos juntos.
A gente só queria amar e amar
E hoje eu tenho certeza:
A nossa história não
Termina agora
E essa tempestade
Um dia vai acabar.
Quando a chuva passar,
Quando o tempo abrir,
Abra a janela e veja:
Eu sou o Sol!
Eu sou céu e mar;
Eu sou seu e fim
E o meu amor é imensidão.

7. Cena >> Antes da Tempestade: André (P2) e Wanderley (P1)

P1 - Você já viu o pôr do sol de olhos fechados?
P2 - Eu não entendi sua pergunta.
P1 - Eu tô perguntando se você já viu o pôr do sol de olhos fechados.
O Outro não responde.
P1 - Eu sei que parece estranho as coisas que eu pergunto pra você, mas talvez seja só um jeito de demonstrar que estamos na mesma tempestade.
P2 - Você não entende.
P1 - E eu não preciso entender. Nós estamos em lados opostos da mesma tempestade. Mas aonde cai raio em você, em mim trovoa.
P2 - Talvez você seja mesmo tudo de diferente que eu não precisava agora.

P1 - A gente nunca precisa de nada, mesmo quando estamos afundados na lama, a gente tá lá por inteiro. Eu sempre soube que tudo o que você machuca, tudo o que você traz, é nada além de um reflexo seu.

P2 - Porque você ainda tenta?

P1 - Porque tudo nesse mundo é destrutivo, se você não souber pra onde olhar. Eu olho pra porra do amor, ao invés de olhar pra tudo aquilo de sujo que construíram em você, ou em mim.

P2 - Eu sou sujo.

P1 - Você. Eu. O mundo. E qualquer poeira que existe neste apartamento velho que mora dentro de mim.

P2 - Me deixa ser sujo.

P1 - Eu não posso te impedir. Não posso deixar de te fazer sujo. As minhas mãos já estão manchadas por tudo que me sujaram no caminho. É uma estrada sem volta.

P2 - Você não entende, não é? Você já imaginou todas as vezes em que eu me apaixonei, em que eu me coloquei pra fora e alguém fez questão de me jogar num poço vazio. Eu bati a cabeça, bati o corpo, eu tô cansada. Cansada!

P1 - Eu já disse que eu não preciso entender. Eu tô em outro lado da tempestade. Eu to tomando os trovões como se fossem doses de tequila, que descem rasgando e queimando todo o estômago. Eu to tomando a porra dos trovões, e eu não tenho medo de você.

P2 - Eu sou sujo.

P1 - Você é. Mas você não é só isso. Você é mais do que isso. Você é mais que um resultado positivo, você é um viajante do tempo perdido entre o futuro e o passado, tentando adivinhar o futuro. E você não vai. O futuro não pertence a nós. É do mundo.

O outro não responde.

P1 - Um homem solitário é uma ilha. Você não enxerga? O mundo todo virou ilha. Enquanto nós somos oceanos. E não dá pra nadar contra isso.

P2 - Eu não nado. Eu afogo.

P1 - Você já viu o pôr do sol de olhos fechados?

P2 - Não.

P1 - Então abre a porra dos olhos, porque você não enxerga o sol enorme que tem dentro de você. Ninguém vê o pôr do sol de olhos fechados, a gente precisa estar lá, olhando pra ele, esperando o Sol descer, porque é esse o sentido de tudo. Iniciar, viver e ir deitar.

A gente deita como o Sol no Oceano e você é tudo isso.

P2 - Enchente.

P1 - Em mim. Em você. Mas a Lama não é só sua.

P2 - Enchente.

P1 - Estamos numa terra de ninguém, enquanto as nossas mãos tremem no chão. Olha pra frente. Você vê todo esse terror que a gente vai passar? Eu também vejo! Mas não é pra ser sozinho. A gente é mais forte juntos, a gente é mais forte em simplesmente existir.

P2 - O que você quer dizer com tudo isso.

P1 - Eu quero que você pare de achar que você é só esse amontoado de coisas voando num furacão. Você não é. Você é tudo o que existiu pelo caminho e hoje tá aqui, gritando com todo mundo, com o mundo todo, sobre tudo o que fizeram com você. Você é todas as perdas, todos os cortes, você é o HIV, você é um ser humano completo. E eu não tenho medo de você. Eu preciso que você se lembre sempre.

P2 - Do que?

P1 - Daquilo que você era antes da tempestade que o mundo criou em você!

12. Solo - Reconhecimento - Glauca

Pela janela vejo o olho de todos os pensamentos que eu finjo não pensar.

Eu finjo não pensar, finjo não sentir e, nesse caminho, desaprendi a não fingir.

O vento me visita como um amigo, chega a acalantar o fogo dessa roda da fortuna que não para de girar. Chega a permitir que eu feche os olhos que, abertos, fitam o horizonte em que eu me encontro.

Vão me restando os olhares que eu já não vejo mais, os toques que um dia cobriram minhas feridas. Ficam os gostos, os cheiros, os medos. Vivem novos medos num corpo mais velho, num copo mais sujo, num olho mais cheio.

- Eu costumava sorrir com o olhar perdido!

Agora eu perco os sorrisos nos olhos e na vontade de ser uno com tudo aquilo que me manteve em pé. Hoje eu não piso mais no chão, sequer vôo, eu não tenho asas pra isso. Eu crio asas para o mundo, mas não pra mim. Em mim eu crio os olhos marejados, as lágrimas agridoces, e um pequeno sorriso de esperança, uma pequena faísca que eu teimo em guardar.

Hoje, ao não ver comigo alguns que sempre me encheram com seus sóis e suas luas; hoje, ao não ver comigo muitos que por tanto amor quebraram meus cristais; hoje, ao não me ver comigo em todos os momentos, em todos os brilhos e sopros da vida; hoje, só hoje, eu fecho os olhos, na esperança de reencontrar a todos que me construíram dos retalhos, a todos aqueles a quem amei, a quem toquei, a quem dediquei meu elo mais profundo. Hoje, e talvez amanhã. Talvez até mesmo depois de amanhã. E a vida inteira. Hoje eu me jogo no abismo do passado, pra trazer de lá toda aquela alma que eu deixei pelo caminho. Hoje eu me trago de volta. Eu me reconheço...

13. Cena >> Mosquito: TODOS (Wanderley e Glaucia – Abusados | Juju, Flávio e André – Abusadores)

Personagem 1 - Eu sei que você continua aí, no fundo de tudo. Você acha que eu não consigo ver você?

O silêncio escorreita a sala.

Personagem 1 - Eu perguntei se você acha que eu não consigo te ver? Não vai responder?

Personagem 2 - Sim.

P1 - Sim o quê? Sim não vai responder ou sim acha que eu não consigo te ver?

P2 - Eu sei que você consegue me ver.

P1 - Então porque você ainda está aqui?

O silêncio, mais uma vez, permanece.

P1 - Você sempre sem educação. Não responde uma simples pergunta. Será que você consegue ver além do espelho dos teus olhos?

P2 - O que você quer dizer com isso?

P1 - É que os teus olhos só enxergam espelhos.

P2 - Continuo sem entender.

P1 - Tudo bem. Você nunca foi bom mesmo em metáforas.

P2 - Só nas que eu faço.

P1 - Sempre, em tudo o que você faz.

Silêncio.

P1 - Quando foi mesmo que eu decidi deixar você entrar por aquela porta e ficar aí, por esse tempo? Eu nem me lembro mais. (Silêncio) Vai, me diz... fala alguma coisa, esse silêncio todo tá me incomodando.

P2 - O Silêncio nunca te bastou.

P1 - Nem as palavras. No silêncio eu perdia pessoas, nas palavras eu as afastava. Era um jogo sem volta. Eu sempre aqui, jogando a bolinha na parede, enquanto as pessoas enchiam minha mochila com as bolinhas delas. E aí meu peso foi ficando insustentável.

P2 - Síndrome de Super-Heroi.

P1 - O que que é? (Silêncio) Eu sei que eu tenho amor às causas perdidas. E eu prefiro assim. Eu prefiro me manter cheio de sonhos e inconstâncias do que ser um vendido como você. Eu nunca vou vender meus sonhos, porque o mundo precisa de mim.

Silêncio curto de novo.

P2 - Você parece machucado.

P1 - Não, eu tô só cansado.

P2 - Mas parece machucado.

P1 - Tô pouco me importando pro que parece. Ninguém é aquilo que aparenta ser. (Silêncio) Quando foi mesmo que eu me apaixonei por você? (Silêncio) Responde.

P2 - Quando eu te disse, um dia, na cama, que eu ajudaria a aliviar o peso das suas costas, que você não tava mais sozinho e fui fazer café.

P1 - Eu me apaixono por tão pouco. (Silêncio) Você sabia que é horrível tratar o sentimento das pessoas como se fosse pão de queijo? Eu não sou a porra de um pão de queijo. Quer saber? Eu acho que era tudo isso que eu queria te dizer agora.

P2 - O quê?

P1 - Que você não devia tratar as pessoas como objetos, como pão de queijo. Que você não devia enfiar os fantasmas que você carrega no corpo das outras pessoas pra fingir que está tudo bem. Que você não devia usar o nome do amor em vão pra se sentir menos vazio. Você não sabe o que é amar. Você não sabe o que é amor. Eu acho que era tudo isso que eu queria te dizer agora.

P2 - Mas você não pode.

P1 - Posso, claro que posso. Não importa aonde você estiver, eu posso dizer o que eu quiser, como eu bem entender. Eu cansei do seu controle, da sua soberba, dessa sua barreira infinita de jogar a culpa em todo mundo.

P2 - Você não pode.

P1 - Eu posso. Eu posso sim. Sabe por quê? Porque depois que você saiu da minha vida eu me fiz jantares de amor, eu me levei ao cinema e voltei a me olhar no espelho. Depois que você se foi eu comecei a perceber que eu era muito, e você nada e que não adiantava quantas vezes você me dissesse isso, você dizia pra me controlar e não me amar. Mas eu aprendi a verdade da maneira mais quente, da maneira mais fria, de todas as maneiras.

P2 - Você não...

P1 - Por que você não cala a boca e vai embora? Não tem mais espaço pra você aqui. Não tem espaço em mim, na casa fria, nos momentos em que você me deixou largado no chão enquanto eu precisava voar na chuva. Você sempre foi a pessoa de ver apenas espelhos.

P2 - Você...

P1 - Sim, eu! Eu. Aquele que agora entende que tem asas próprias, que pode sair do próprio inferno sozinho e sempre pode, que não se despedaça mais pra salvar quem não quer salvação. Eu, eu mesmo. Aquele que sente o sabor amargo da Realidade, aquele que bebe tudo como se fosse conhaque. Eu.

Mais silêncio. Tão fino que corta. A imagem do outro se esvazia.

P1 - E, depois de tudo isso, não pense que eu nunca te amei, como eu sempre disse que fazia. Mas é que eu aprendi do jeito mais difícil a me amar. A amar a mim mesmo sem você.

14. Música >> 'Todas as Manhãs (Roberto Carlos) (Wanderley + 1?)

Chuva fina no meu pára-brisa
Vento de saudade no meu peito
Visibilidade distorcida
Pela lágrima caída
Pela dor da solidão
E a chuva no meu pára-brisa
Sempre nos lugares onde vou
Alguém pergunta de você
Paro num sinal e olho a rua
Na esperança de te ver
Diga, meu amor, o que que eu faço
Tudo faz lembrar você por onde eu passo
E eu preciso te esquecer
E a chuva fina no meu pára-brisa
Vento de saudade no meu peito

15. Solo >> Chuva: Wanderley Flávio e Juju

Quando olhei pela janela, o tempo estava se transformando, lentamente, como as palavras que Você costumava dizer. Via as nuvens escuras que se aproximavam e transformavam a coloração do dia. O vento soprava mais forte. Eu percebia pelo movimento das folhas caídas no chão que o dia havia passado. A tempestade se formava e Eu podia, apenas, notar a sua amplitude. No momento de sempre, disquei os números de casa e esperei. Os toques do telefone eram frios, mudos. Sequenciais, ainda havia esperança de que alguém atendesse do outro lado da linha. Não houve nada. O peito carregado, suspirou em teimosia, me fazendo perder o olhar na tela branca do computador.

- Você trouxe seu Guarda-Chuvas hoje?

- Não. – Eu ri, para controlar a imensidão que sentia ali. - Mas tudo bem, é apenas água.

- Você devia se cuidar melhor e você sabe, não é?

Fiquei em silêncio. Sorri educadamente, como em condescendência. Levantei calmamente, peguei a blusa que tinha deixado na cadeira ao lado e me despedi de todos, como num dia comum. Vesti a blusa e lembrei de como Você costumava arrumar a gola das minhas blusas. Peguei meu telefone e escrevi uma mensagem: “Eu sinto falta de como você me arrumava todo dia pela manhã”. Me vi parado, na saída do elevador, sem saber se clicava ou não em enviar mensagem. Enviei, afinal, o que eu teria a perder?

- Você vai sair nessa chuva?

Eu acenei que sim com a cabeça para a moça da portaria. Desejei-lhe um ótimo fim de semana e saí caminhando na chuva. Enquanto a água lavava o resto de sobriedade que me cabia no rosto, eu lembrava de como a gente costumava brincar que a maior prova de amor que tivemos foi o dia em que você tirou seu casaco e protegeu meu corpo de uma tempestade. Você se molhou, eu também, mas, mesmo assim, sorrimos por entender o que o outro estava dizendo com os olhos.

- Eu te amo.

Eu te beijei, nessa mesma esquina em que estou agora, pisando em uma poça d'água. Meu pé e meu corpo estão encharcados dessa água que não lava mais a sua imagem de mim. No fone de ouvido cai uma música que gravei pra você quando casamos e mudamos para essa casa vazia que hoje tem apenas a sua sombra. Eu compartilho com você, no seu mural. Afinal, o que mais eu tenho a perder? Nossa casa nunca me pareceu tão longe.

A chuva se torna intensa, as gotas que caem das nuvens são tão fortes que machucam o meu rosto. Ninguém consegue reparar a diferença entre a água da chuva e a água do meu corpo mais. Da rua eu vejo nossa janela, com as luzes apagadas, me mostrando que você não está em casa. Subo as escadas correndo, abro a porta, tropeço nos meus próprios pés. Eu ainda tenho a esperança de que seja tudo um momento de ilusão e de que Você vai gritar 'surpresa' do quarto e sair com aquele sorriso que iluminava os dias de chuva. A esperança de que eu pudesse voltar atrás e fazer tudo de novo, do mesmo jeito, com você. Mas você não saiu. Não tinha forças para sair da posição em que estava, por isso me joguei no sofá, molhado e cansado. No fone de ouvido caiu uma mensagem de voz que você me mandou minutos antes de partir. Eu estremei. Sua voz parecia tão viva dentro desse apartamento vazio. Antes de tudo, antes do fim, antes de não mais existir, antes de nunca mais voltar pra casa, você disse em alto e bom som:
- Foi Você quem me ensinou a chover! Eu te amo. Até a volta.

18. Música final >> Medo da Chuva (Raul Seixas) - Wanderley + TODOS

Como as pedras imóveis na praia
Eu fico ao teu lado, sem saber
Dos amores que a vida me trouxe
E eu não pude viver
Eu perdi o meu medo
Meu medo, meu medo da chuva
Pois a chuva voltando pra terra
Traz coisas do ar
Aprendi o segredo
O segredo, o segredo da vida
Vendo as pedras que choram sozinhas
No mesmo lugar